

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA - ANALOG IMAGINATION PROGRAMA 2

6 de maio de 2023

SONNENFILM / 2022

Um filme de Antonia de la Luz Kašik

Realização: Antonia de la Luz Kašik / **Produção:** Friedl Kubelka School for Independent Film / / **Duração:** 17 minutos / **País:** Áustria, Espanha / **Cópia:** 16mm a cores, mudo / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

DASS STEINE SPRECHEN SPRECHEN SPRECHEN / 2022

Um filme de Simon Dallaserra

Realização, Som, Música, Montagem: Simon Dallaserra/ **Produção:** Friedl Kubelka School for Independent Film / **Duração:** 2 minutos / **País:** Alemanha / **Cópia:** 16mm a cores, sonoro, sem diálogos / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

MATTE STUDY / 2022

Um filme de Nina Porter

Realização: Nina Porter / **Produção:** Friedl Kubelka School for Independent Film / **Duração:** 3 minutos / **País:** Áustria / **Cópia:** 16mm a cores, mudo / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

T T T TOUCH ME / 2017

Um filme de Raphael Reichl

Realização, Argumento, Direção de Fotografia: Raphael Reichl / **Produção:** Raphael Reichl e Friedl Kubelka School for Independent Film / **Interpretações:** Lilith Kraxner, Leonard Prochazka / **Duração:** 3 minutos / **País:** Áustria / **Cópia:** 16mm a cores, mudo / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

TIRANA / 2020

Um filme de Eva Claus

Realização: Eva Claus / **Produção:** Friedl Kubelka School for Independent Film / **Duração:** 3 minutos / **País:** Áustria, Albânia, Bélgica / **Cópia:** 16mm a preto e branco, mudo / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

2HEIM / 2018

Um filme de Eva Claus

Realização: Eva Claus / **Produção:** Friedl Kubelka School for Independent Film / **Duração:** 2 minutos / **País:** Áustria / **Cópia:** 16mm a preto e branco, mudo / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

A PROPOSAL TO PROJECT IN 4:3 / 2016

Um filme de Viktoria Schmid

Realização: Viktoria Schmid / **Produção:** Friedl Kubelka School for Independent Film / **Duração:** 2 minutos / **País:** Áustria, Estados Unidos / **Cópia:** 16mm a cores, sonoro, sem diálogos / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

W O W (KODAK) / 2016

Um filme de Viktoria Schmid

Realização: Viktoria Schmid / **Produção:** Friedl Kubelka School for Independent Film / **Duração:** 2 minutos / **País:** Áustria / **Cópia:** 35mm a cores, sonoro, sem diálogos / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

AUSTRIAN PAVILLION / 2019

Um filme de Philipp Fleischmann

Realização: Philipp Fleischmann / **Produção:** Salvatore Viviano, Friedl Kubelka School for Independent Film / **Duração:** 5 minutos / **País:** Áustria, Itália / **Cópia:** 35mm a cores, mudo / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

ATLANTIC 35 / 2015

Um filme de Manfred Schwaba

Realização: Manfred Schwaba / **Produção:** Friedl Kubelka School for Independent Film / **Duração:** 17 segundos / **País:** Áustria / **Cópia:** 35mm a preto e branco, mudo / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Duração aproximada da projeção: 40 minutos.

Sessão apresentada por Magdalena Pfeifer.

As primeiras fascinações com a câmara escura, aquando do seu surgimento na Flandres do século XVII, prendiam-se às suas possibilidades descritivas, a representação paisagística com a maior fidelidade possível. Neste segundo programa de curtas *Analog Imagination*, retornar a um passado analógico do cinema tem, em oposição às possibilidades tecnológicas da digitalidade de hoje, pouco a ver com a procura de uma máxima ilusão naturalista. Pelo contrário, regressar à película é recuperar um certo impressionismo, uma imagem ainda mais inatingível, quer pelo tempo, como pelos traços e granulações que voam pelo pano do ecrã, toldando-nos a visão clara - cinema raro, precioso, epidérmico.

Sonnenfilm é um ponto de partida lento e contemplativo: o sol que vemos, exposto em dois movimentos contrários, é quente e amoroso, torna a tela numa pele que a representação, lá muito ao longe, banha de luz e sopro. Nos dois sois que se cruzam a dada altura no ecrã, vêem-se dois possíveis olhos. O cinema olha para nós, do mesmo modo que olhamos para ele. No silêncio sepulcral que percorre estes 17 minutos (abarcando quase metade da duração do programa), a sua etérea sedução torna-se distante, impossível, como que um primeiro gesto fílmico, memória efetivada 127 anos depois. Ao fim, uma pessoa emerge do mar, desaparecendo no corte a meio da tela. A inclusão de um elemento outro, humano, é a premonição de que, a partir daquela limpidez, tudo, inevitavelmente, se tornará alucinação.

Será este sentido metalinguístico, autoconsciente, o elo mais óbvio de *Sonnenfilm* às restantes curtas-metragens que jorram, imparáveis, como fontes de foco e desfoque. *Dass Steine Sprechen Sprechen Sprechen* é a revelação do filme de Antonia de la Luz Kašik: do gesto originário do sol, surgem os primeiros objetos. Planos rápidos de rochas numa praia – selecionando formas e texturas – são cortados brevemente ao fim de 3 minutos. O que não mostram parece tão importante como o resto – quando o ecrã se torna negro, percebemos que vimos meros lapsos e fragmentos – memória esvaída, recuperada, perdida. O programa dilui-se a partir daqui.

Matte Study seleciona imagens, episódios de uma vida qualquer, dispostos numa composição grelhada como câmeras de vigilância, onde desfoques dão lugar a cores, nuvens analógicas como pinturas de Rothko; já *T t t touch me*, convoca partes de um corpo humano feitas dispositivo eletrónico, onde a sujeição ao toque de alguém, na sua expectável intimidade, se converte ao automatismo do *scroll*.

Tirana e 2Heim, ambos realizados por Eva Claus, alargam esses membros do corpo à sua escala no espaço, fazendo-os interagir com uma urbanização de linhas e repetições, performatização de lugares pelos indivíduos que nele aderem, por um lado fazendo-se paisagem, por outro, tal como numa performance, repetindo gestos obsessivos; na impossibilidade de nos puxar para esse movimento *in situ*, a repetição joga-se através da câmara que os quer apreender totalmente, virando a lente de um lado ao outro, medindo o comprimento do ecrã, o nosso, mas que poderia ser o mesmo que *A Proposal To Project in 4:3* vê, especular, refletindo-se. Este filme, realizado por Viktoria Schmid, precede outro da mesma realizadora onde se recuperam os diálogos entre analógico e digital, sugeridos, anteriormente, pela ingenuidade da curta de Raphael Reichl (focos e desfoques temáticos, os filmes dão pistas para um puzzle que se desagrega, quase aleatório) que, aqui em *W O W Kodak* se tornam mais sonantes, num jogo violento, mas otimista – uma implosão faz um dos edifícios da Kodak nos Estados Unidos voltar ao que era antes da

sua demolição em 2007. Apropriam-se vídeos do Youtube, documentando o acontecimento, convertendo-os em formato de película, e jogam-se com efeitos reverse, como que numa digitalidade primitiva. O seu impacto sonoro, no meio da mudez da maioria das curtas, abre portas à hipnagogia de *Austrian Pavillion*, sequência líquida de imagens sobre outras imagens que fluem como rios, cortinas, estroboscópicas, desaguando no oceano de *Atlantic 35*.

O modo como a sessão termina, ainda que recuperando o mar e a paisagem da introdução, não poderia ser mais dissonante. Da contemplação, passamos ao frenesim, o choque – como que uma pulsão síntese do programa, de algum modo, fatalista - a memória que parece intensificar-se, mas que rápida e irrecuperável, grita, teimando em não voltar. Se calhar é essa momentaneidade, o não aprisionamento de um espaço e tempo pela fixação da imagem, o seu signo de liberdade - semelhante, parece-me, ao que Jonas Mekas concretizou. Algo contraditoriamente, é certo que este cinema-lampejo persiste, teimoso, nos olhares destes novos realizadores.

No fim, tudo isto foi um flash cego que apontou, violento, à nossa visão, para brevemente se dissipar. Na sobrecarga de luz, ficaram apenas os fósfenos – os mesmo que vemos à noite quando fechamos os olhos. Adormecendo, nunca estivemos tão despertos.

Miguel Pinto